

## Uma análise experimental sobre a (não) exaustividade em respostas contrastivas do português brasileiro<sup>1</sup>

An experimental analysis of the (non) exhaustivity in contrastive answers in Brazilian Portuguese

Fernanda Rosa da Silva<sup>2</sup>  
Fernando Teixeira de Moura<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados de um experimento psicolinguístico cujo objetivo foi investigar se respostas com contraste implícito no português brasileiro (PB), marcadas por tópico contrastivo, são interpretadas como exaustivas. O experimento apresentou duas condições experimentais: pergunta sim/não e de constituinte. Contou com 44 participantes, falantes do PB. Esses ouviram diálogos e julgaram três afirmações, com base em sua própria interpretação. Os dados indicaram que em perguntas sim/não, a resposta não-exaustiva, sem certeza de contraste, foi a mais aceita, com 74%. As respostas do tipo exaustiva obtiveram 25% e as contrastivas 27%. Nas perguntas de constituinte, a resposta não-exaustiva também obteve maior número: 85%, enquanto as demais registraram frequências menores: 15% e 12,5%. Os resultados demonstram que os participantes tendem a interpretar as respostas como não-exaustivas quando há marcação de tópico contrastivo em ambas as condições. Entretanto, a análise estatística inferencial revelou que a condição experimental influencia as interpretações não-exaustiva e contrastiva. Pode-se concluir, então, que há uma implicatura de incerteza, e que os falantes tendem a não se comprometer com o contraste ou com a exaustividade. Ainda, o tipo de pergunta pode influenciar na interpretação dos participantes em relação à não-exaustividade ou ao contraste.

**Palavras-chave:** Experimento psicolinguístico. Exaustividade. Contraste implícito. Semântica e Dinâmica de Perguntas

**Abstract:** This paper presents the results of a psycholinguistic experiment aimed to examine whether answers with implicit contrast in Brazilian Portuguese (BP), marked by a contrastive topic, are interpreted as exhaustive. The experiment involved two experimental conditions: polar (yes/no) questions and constituent (wh-) questions. A total of 44 native speakers of BP participated in the study. Participants listened to short dialogues and evaluated three response alternatives as true or false, based on their interpretation. The data reveal that, in the polar question condition, the non-exhaustive answer — with the uncertainty of contrast — was selected most frequently (74%). The exhaustive answer was chosen in 25% of cases, and the contrastive one in 27%. In the constituent question condition, the non-exhaustive response again received the highest rate of acceptance (85%), while the exhaustive and contrastive answers were selected in 15% and 12.5% of instances, respectively. These results suggest that participants tend to interpret responses as non-exhaustive when contrastive topic marking is present in both question types. However, inferential statistical analysis showed that the differences between non-exhaustive and contrastive interpretations

---

<sup>1</sup> O experimento faz parte do projeto de pesquisa desenvolvido pela pesquisadora Fernanda Rosa da Silva, na Universidade Federal de Minas Gerais, que possui o parecer consubstanciado n°: 5.240.862 e o CAAE: 54159821.7.0000.5149, aprovado por essa universidade em 13/02/2022

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de pós-graduação em Linguística, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [fernandarosa@ufmg.br](mailto:fernandarosa@ufmg.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de pós-graduação em Linguística, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: [sharabadaia2109@ufmg.br](mailto:sharabadaia2109@ufmg.br)

were statistically significant. It can thus be concluded that a conversational implicature of uncertainty is at play, indicating that speakers are generally reluctant to commit to interpretations involving either contrast or exhaustivity. Moreover, the type of question may influence how respondents interpret the degree of exhaustivity or contrast in a given utterance.

**Keywords:** Psycholinguistic experiment. Exhaustivity. Implicit contrast. Semantic and dynamic of questions.

## Introdução

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar as inferências desencadeadas por respostas com contraste implícito em diálogos de perguntas do tipo sim/não e de constituinte no português brasileiro (PB). O foco foi analisar a interpretação da exaustividade nessas respostas e verificar se há diferenças significativas entre os dois tipos de pergunta. Contraste, segundo Repp (2014), diz respeito à relação estabelecida entre a alternativa assertada e às demais proposições disponíveis no contexto. Exaustividade, conforme definida por Menuzzi (2012), refere-se à avaliação de uma proposição como verdadeira enquanto todas as demais alternativas são consideradas falsas.

Para explorar essas questões, foi conduzido um experimento psicolinguístico *offline* de julgamento de valor de verdade (Arunachalam, 2013; Kenedy, 2014, 2015; entre outros). O experimento foi elaborado na plataforma *Google Forms* e dividido em dois grupos experimentais, com 25 diálogos para cada grupo. As partes constituintes do experimento se deram a partir de estímulos de áudio, formados por uma pergunta e uma resposta. Nos diálogos experimentais, para o primeiro grupo, a pergunta era do tipo sim-não, em que há apenas duas alternativas de resposta; e, para o segundo, a pergunta era de constituinte, iniciada por um pronome interrogativo e com um número ilimitado de possibilidade de respostas.

Os participantes foram divididos em dois grupos independentes: um grupo analisou perguntas do tipo sim/não, enquanto o outro avaliou perguntas de constituinte. Com isso, buscou-se entender como o tipo de pergunta influencia os julgamentos dos sujeitos em relação à exaustividade. Veja os exemplos de diálogos a seguir:

- (1) A: O Hugo entregou a meta de cartões de crédito dessa semana?  
B: A Luely entregou.

No diálogo (1), a interação ocorre a partir de uma pergunta do tipo sim/não. Esse tipo de pergunta, de acordo com Hamblin (1973) e Borges Neto (2007), apresenta duas possibilidades de resposta: “sim, o Hugo entregou a meta de cartões de crédito”; “não, o Hugo não entregou a meta de cartões de crédito”. Essa pode ser respondida de forma breve

(apenas ‘sim’ ou ‘não’) ou extensa, por meio de uma sentença declarativa. A resposta fornecida por B: “A Luely entregou (a meta...)” não responde diretamente à pergunta inicial. Essa resposta gera um contraste com a resposta esperada pela pergunta, uma vez que a pergunta é sobre Hugo e não sobre Luely. Ao responder que Luely entregou a meta, o falante estabelece um contraste com Hugo e fica subentendido que ele não tenha entregue a meta.

Também é importante destacar que as respostas foram marcadas por uma prosódia peculiar de tópico contrastivo (Büring 1999; 2003), de acento ascendente. Esse tipo de marcação tende a implicar em não-exaustividade. Respostas com essa marcação de tópico contrastivo tendem a ser interpretadas como parciais, em que o falante deixa em aberto alguma informação.

Diante disso, a questão que norteia essa pesquisa é identificar se o participante interpreta a resposta como: A Luely entregou a meta, mas o Hugo não entregou, em que se estabelece um contraste entre as alternativas relacionadas aos indivíduos Luely e Hugo. Ou essa interpretação se dá da seguinte forma: A Luely entregou a meta, mas, quanto ao Hugo, o falante B não sabe se ela foi entregue ou não. Outro aspecto considerado foi se o participante interpretou essa alternativa como exaustiva, em que a Luely e ninguém mais entregou a meta.

Para verificar as interpretações formuladas, após ouvirem os diálogos (pergunta e resposta), os participantes deveriam afirmar ou negar cada uma das três afirmações, como as ilustradas abaixo:

- (2) I. É possível que o Hugo tenha entregado a meta de cartões de crédito dessa semana.
- II. Ninguém além da Luely entregou a meta de cartões de crédito dessa semana.
- III. É certo que o Hugo não tenha entregado a meta de cartões de crédito dessa semana.

Em (I), a interpretação é não-exaustiva, em que além da Luely, Hugo pode ou não ter atingido a meta. Adicionalmente, se o participante escolhe essa alternativa, ele não se compromete com a afirmação em relação à situação de Hugo. Ou seja, não assume que haja contraste entre as informações sobre Hugo e Luely. Por outro lado, em (II), a interpretação é exaustiva, em que é verdade que somente a Luely entregou a meta e é falso que os demais indivíduos disponíveis no contexto tenham entregado a meta, inclusive Hugo, o indivíduo mencionado na pergunta em A. Por fim, (III) também apresenta uma interpretação não-exaustiva; no entanto, o participante se compromete com a negação em

relação ao Hugo. Ou seja, ele está interpretando um contraste entre Luely e Hugo, mas não assume exaustividade.

Para os diálogos com pergunta de constituinte, em que a pergunta é iniciada por um pronome interrogativo e há uma infinidade de respostas, um exemplo que compõe o experimento é dado a seguir:

(3) A: Quem despachou as remessas?

B: O *Diego* despachou.

No diálogo em (3), a interação é estruturada por uma pergunta do tipo constituinte ou aberta. Esse tipo de pergunta introduz um conjunto de proposições possíveis no contexto e a resposta esperada deve identificar um ou mais elementos dentro desse conjunto (Hamblin, 1973, Borges Neto, 2007). Espera-se qualquer tipo de resposta que tenha em seu conteúdo: alguém despachou a remessa. A resposta de B: “O *Diego* despachou” é uma resposta que está dentro do conjunto de alternativas delimitado pela pergunta. Nesse caso, pretende-se aferir se o participante interpreta que apenas *Diego*, dentre os indivíduos do contexto realizou a ação de despachar a remessa, constituindo assim uma interpretação exaustiva, ou seja, que nenhum outro indivíduo além dele realizou a ação de despachar. Ou ainda, é possível interpretar que outros indivíduos, além do *Diego*, tenham despachado a remessa?

As afirmações relacionadas ao diálogo (3) foram as seguintes:

(4) I. É possível que alguém além do *Diego* tenha despachado as remessas.

II. Ninguém além do *Diego* despachou as remessas.

III. É certo que alguém além do *Diego* despachou as remessas.

Em (I) há uma resposta que não compromete o falante com a exaustividade. Ou seja, ele não afirma diretamente que apenas o *Diego* despachou a remessa, permitindo a possibilidade de que outras pessoas também tenham realizado a ação. Já em (II), há um comprometimento explícito com a exaustividade: a resposta implica que a única pessoa que despachou a remessa foi *Diego*, excluindo qualquer outra possibilidade. Por fim, em (III), trata-se de uma alternativa que indica um comprometimento explícito com a não-exaustividade. Nesse caso, o participante interpreta que certamente outras pessoas, além do *Diego*, despacharam a remessa. Ou seja, o participante se compromete com o contraste.

É importante destacar que se optou por realizar o experimento com estímulo de áudio, uma vez que há distinções prosódicas que podem influenciar na interpretação do indivíduo. Ainda, a fim de delimitar as variáveis que possam interferir nos resultados do

experimento, a prosódia adotada foi a de tópico contrastivo, descrita inicialmente por Büring (1999, 2003), em que há um acento de curvatura ascendente e essa prosódia é responsável por desencadear interpretações pragmáticas como uma resposta não-exaustiva. Esse conceito, assim como os demais mencionados, que dão suporte para a presente pesquisa, serão apresentados mais adiante.

O experimento foi desenvolvido com base em uma variável independente: o tipo de pergunta (sim/não ou de constituinte). Como variável dependente, analisou-se a resposta dos participantes em relação a três afirmações: (I) Interpretação não-exaustiva, sem comprometimento do falante com exaustividade ou contraste; (II) Interpretação exaustiva; e (III) Interpretação não-exaustiva, com comprometimento do falante em relação ao contraste.

A fim de apresentar os resultados da pesquisa, o artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção serão apresentadas as teorias semânticas e pragmáticas que dão suporte às análises aqui desenvolvidas. Serão explorados os conceitos de: exaustividade, contraste, foco e tópico contrastivo, semântica e dinâmica das sentenças interrogativas. Após a explanação da base teórica, a seção seguinte é reservada para descrever detalhadamente o desenho experimental: a hipótese inicial, as variáveis dependentes e independentes, os participantes, os estímulos e as condições experimentais, os diálogos distratores e os diálogos de controle, entre outros. Em seguida, serão apresentados os resultados do experimento e a análise estatística descritiva e inferencial desses. Para isso, os resultados serão analisados, considerando a hipótese inicial e as previsões teóricas exploradas mais adiante. Por fim, serão apresentadas as conclusões da pesquisa.

### **Conceitos que envolvem contraste implícito**

Esta seção apresenta os conceitos teóricos que fundamentam a presente pesquisa, servindo de base tanto para a formulação das hipóteses quanto para a análise dos resultados do experimento psicolinguístico. Serão detalhados os conceitos de exaustividade, contraste, foco e tópico contrastivo.

Exaustividade é um conceito investigado em diferentes níveis de análise linguística, sobretudo no âmbito pragmático. Aqui foi destacado Menuzzi (2012), que define exaustividade como o fenômeno em que a interpretação da sentença implica aceitar apenas a proposição relacionada ao elemento mencionado como verdadeiro, excluindo-se outras possibilidades. No PB, esse fenômeno manifesta-se claramente em construções clivadas, como exemplificado a seguir:

- (5) Foi a Luely que comprou a cuia.

Para a sentença acima, a interpretação é de que a Luely e ninguém mais comprou a cuia. Ou seja, não há outra pessoa disponível no contexto que tenha realizado a ação de ter comprado a cuia. Segundo Menuzzi (2018), essa interpretação trata-se de uma pressuposição de exaustividade, tendo em vista que, apesar de ser cancelável, essa ideia é mais difícil de cancelar para ser uma implicatura:

(6) Foi a Luely que comprou a cuia. E a Maria também.

Ainda que possível, a continuidade do enunciado, que cancela a exaustividade, gera estranheza. Por esse e por outros testes realizados, o autor defende que a exaustividade para o caso das sentenças clivadas trata-se de uma pressuposição.

Outros dois conceitos que dão suporte à nossa pesquisa são os de contraste e foco. Como assumimos o conceito de contraste dado por Repp (2014) e este está relacionado à semântica de alternativas desenvolvida por Rooth (1985, 1995) para constituintes com marcação de foco, apresentaremos, primeiramente, o conceito de foco assumido, para, depois, explanar o que tomamos por contraste. Destacaremos, principalmente, a distinção entre contraste explícito e contraste implícito.

Rooth (1985) defende que sentenças com marcação prosódica de foco desencadeiam um conjunto de proposições alternativas. No exemplo abaixo, o constituinte com marcação prosódica de foco na resposta está destacado em caixa alta:

(7) A: Quem comprou cuia?

B: \ A LUELY comprou.

O diálogo acima, formado por uma pergunta de constituinte, apresenta uma resposta com marcação de foco no sintagma “A Luely”, que corresponde à informação nova da sentença requerida pela sentença interrogativa. A informação de que alguém comprou uma cuia corresponde ao tópico ou pressuposição (cf. Roberts, 1996; Rooth 1985, 1995). Essa marcação de foco, conforme Rooth, apresenta um acento de curvatura descendente (Pierrehumbert; Hirschberg, 1990, para o inglês; Ilari, 1992; Cagliari, 1980, para o PB). O constituinte com marcação de foco é destacado em caixa alta e marcado com a barra descendente para indicar a prosódia atribuída a ele. Além disso, Rooth afirma que a marcação de foco desencadeia um conjunto de proposições alternativas relacionadas à pergunta. Em nosso caso, o conjunto de alternativas correspondentes a respostas possíveis para pergunta (7)A pode ser representado como segue:

(8) {Luely comprou cuia, Maria comprou cuia, Fernando comprou cuia...}

Essas alternativas preservam a informação de tópico enquanto alternam o constituinte correspondente ao foco, a informação requerida pela pergunta. O conjunto de alternativas é aberto e dependerá dos indivíduos disponíveis no contexto.

Em relação a contraste, Repp (2014) considera que esse conceito está intrinsecamente relacionado ao conjunto de alternativas. Segundo a autora, para haver contraste, é preciso que pelo menos uma das alternativas disponíveis seja afirmada e pelo menos uma das alternativas seja negada. A negação de uma das alternativas, que gera contraste, pode ser explícita ou expressa implicitamente. Abaixo, há um exemplo cujo contexto apresenta o contraste explicitamente:

- (9) A: Quem comprou cuia?  
B: \ A LUELY comprou. \ A MARIA, não.

No diálogo (9), observa-se uma relação de contraste explícito: enquanto a alternativa envolvendo Luely é tomada como verdadeira, aquela concernente a Maria é declarada como falsa. Dentre o conjunto de alternativas em (8), ao menos uma alternativa é verdadeira e ao menos uma alternativa é falsa, considerando a resposta de B. Essa informação é veiculada explicitamente, visto que o falante B assertou as duas alternativas. Por outro lado, um exemplo em que o contraste é dado implicitamente ocorre quando a interpretação de que uma das alternativas é falsa é dada de forma implícita, provavelmente por implicatura conversacional (cf. Grice, 1975; Büring, 2003; 2014; Rosa-Silva; 2024). Observemos um exemplo de contraste implícito, de acordo com Repp (2014):

- (10) A: Quem comprou cuia?  
B: \ A LUELY comprou.

No exemplo acima, podemos considerar que haja outros indivíduos além da Luely e que, ao destacar a Luely, em detrimento dos demais, o falante esteja contrastando a alternativa sobre a Luely com as demais alternativas. Porém, esse contraste não se dá explicitamente e sim implicitamente. Rosa-Silva (2024) afirma que esse tipo de contraste trata-se de uma implicatura conversacional generalizada, uma vez que sempre será ocasionado pela marcação de foco. No entanto, a relação de contraste, justamente por se tratar de uma implicatura, pode ser facilmente cancelada pelo contexto.

Os conceitos de contraste e exaustividade estão intimamente relacionados, uma vez que a exaustividade envolve contraste. Uma das alternativas é contrastada com todas as demais. Entretanto, nem sempre, quando há contraste, há exaustividade. Essas duas noções apresentam diferenças fundamentais no âmbito semântico e pragmático. O

contraste ocorre quando uma resposta destaca uma alternativa entre várias, sem necessariamente excluir as demais (Repp, 2014). Se retomarmos os exemplos dados anteriormente, em (9) e (10), é possível haver outros indivíduos disponíveis no contexto, além de Luely e Maria, que também tenham comprado a cuia. Por outro lado, a exaustividade vai além. Em um contexto de exaustividade, apenas a alternativa destacada é verdadeira e todas as demais, explicitadas ou não no contexto, são falsas. É importante destacar que, no diálogo em (10), a resposta com marcação prosódica de foco nos leva a uma interpretação exaustiva. Essa interpretação, conforme Menuzzi (2018) e Rosa-Silva (2024) afirmam, diz respeito a uma implicatura conversacional. Rosa-Silva, ainda, afirma ser uma implicatura conversacional generalizada, já que a ideia de exaustividade é sempre desencadeada pelo foco e pode ser facilmente cancelada pelo contexto.

Embora frequentemente pareçam semelhantes, devido ao envolvimento de exclusão de alternativas, esses dois conceitos apresentam diferenças fundamentais. O contraste opõe pelo menos duas alternativas sem necessariamente negar todas as demais, enquanto a exaustividade declara categoricamente que nenhuma outra opção é verdadeira. Essa distinção, apesar de sutil, é crucial para a análise de respostas em contextos pragmáticos, em que haja uma relação de contraste e/ou exaustividade.

Outro conceito crucial para a presente pesquisa é o de tópico contrastivo. Tópico contrastivo é definido como uma “[...] marcação prosódica que também parece limitar os contextos discursivos em que uma sentença pode ser usada, mas que não se confunde com foco” (Ferreira, 2023, p. 220). Esse recurso tem a função de estabelecer um contraste entre diferentes informações dentro de um contexto previamente introduzido. De acordo com Büring (2003; 2014), o tópico contrastivo é uma marcação prosódica peculiar, que recai sobre o constituinte e apresenta funções semântico-pragmáticas. A marcação prosódica é de acento ascendente. Essa proeminência indica que haja um contexto de alternativas disponíveis no discurso. E, dessas alternativas, pelo menos uma é contrastada implicitamente com as demais. No que diz respeito às interpretações pragmáticas, o tópico contrastivo desencadeia uma implicatura de que o falante desconhece se as demais alternativas, além da assertada, são verdadeiras ou falsas. Um exemplo de tópico contrastivo pode ser observado a seguir:

(11) A: Quem comprou cuia?

B: / A Luely comprou.

Como não é simples representar as peculiaridades prosódicas do tópico contrastivo, optamos por destacar o constituinte que recebe essa marcação em *itálico* e colocar antes desse constituinte uma barra ascendente, para indicar sua curva melódica. Neste exemplo,



diferentemente do exemplo anterior, em (10), com marcação de foco, a implicatura não é de exaustividade, e sim de que o falante não sabe se há outras pessoas, além da Luely, que tenham comprado cuia.

Sobre a implicatura de exaustividade, em (9), e a implicatura de não-exaustividade em (10), Sauerland (2004) aponta que quando há uma implicatura escalar, em que a implicatura implica na negação da alternativa mais informativa (Horn 2004), há duas possibilidades de interpretação. Ou o falante não trouxe a alternativa mais informativa, porque ele sabe que essa alternativa é falsa; ou o falante declarou a alternativa menos informativa, porque ele não tem informação sobre a mais informativa. Considerando os nossos exemplos, podemos inferir que a resposta mais informativa é a resposta exaustiva, que avalia todas as alternativas, uma como verdadeira e as demais como falsas. Segundo Rosa-Silva (2024), respostas com exaustividade explícita são mais informativas. Um exemplo claro desse tipo de resposta é quando há o operador de exaustividade 'só' na resposta:

- (12) A: Quais dos seus amigos compraram cuia?  
B: Só A LUELY comprou.

Nesse caso, a interpretação de exaustividade é um acarretamento, segundo Rosa-Silva (2024), e não pode ser cancelada pelo contexto. Pressuposição de exaustividade, como são os casos da resposta clivada (exemplo (5)), são respostas menos informativas que as explícitas. Porém, as asserções com pressuposição de exaustividade são ainda mais informativas que as respostas que apresentam implicatura de exaustividade.

Voltando aos nossos exemplos anteriores, (9), com marcação de foco, apresenta uma implicatura de que o falante sabe que a propriedade de comprar cuia é aplicada exclusivamente à Luely, portanto, uma interpretação exaustiva. Por outro lado, a resposta em (10) com marcação de tópico contrastivo, implica que o falante não sabe se, além da Luely, outras pessoas compraram cuia, portanto uma interpretação não-exaustiva. Nesse caso, seguindo Sauerland (2004), a resposta com foco implica que o falante sabe que os demais indivíduos não compraram cuia e a resposta com tópico contrastivo implica que o falante não sabe se os demais compraram cuia ou não. Dessa maneira, em (9), há uma implicatura de exaustividade e em (10) uma implicatura de incerteza do falante em relação à exaustividade.

Nesta seção, apresentamos conceitos importantes, que darão suporte às nossas hipóteses e discussão dos resultados do experimento psicolinguístico aplicado. Discutimos os conceitos de contraste e exaustividade e refletimos sobre suas semelhanças e distinções. Também exploramos a diferença entre contraste explícito e contraste implícito. Ainda,

consideramos que respostas que envolvem contraste implícito podem apresentar dois tipos de implicatura. Uma delas é a implicatura de que o falante sabe que a única alternativa verdadeira é a explicitada, para os casos de marcação prosódica de foco. Nesse caso, há uma implicatura de exaustividade. A outra implicatura ocorre com marcação de tópico contrastivo e consiste na interpretação de que o falante não sabe se as demais alternativas são verdadeiras ou falsas e deixa em aberto a avaliação dessas, ou seja, uma interpretação não-exaustiva. Esse último caso representa os diálogos que compuseram o experimento, em que as respostas apresentavam a marcação prosódica de tópico contrastivo. Na sequência, examinaremos fundamentações teóricas adicionais que sustentam nossa pesquisa, especificamente aquelas relacionadas à interface entre semântica e pragmática de construções interrogativas.

### **Dinâmica das sentenças interrogativas**

Nesta seção, apresentaremos as propostas teóricas para a semântica e a pragmática de sentenças interrogativas. Essencialmente, sentenças interrogativas não têm o objetivo de descrever o mundo ou expressar algum conhecimento, mas levantar questões e solicitar informações. Elas são respondidas tipicamente por sentenças declarativas, seja de forma abreviada ou de maneira explícita (Ferreira, 2023).

Sobre as sentenças interrogativas, destacamos pelo menos dois tipos, que correspondem à nossa variável experimental independente: pergunta sim-não (ou polar) e pergunta de constituinte (Borges Neto, 2007; Hamblin, 1973). A seguir, apresentamos cada um desses dois tipos:

(13) Luely bebeu chimarrão?

(14) Quem bebeu chimarrão?

Nos exemplos acima, a pergunta representada em (13) é do tipo sim-não, na qual as respostas prototípicas seriam: “sim, Luely bebeu chimarrão” ou “não, Luely não bebeu chimarrão”. Já a sentença em (14), trata-se de uma pergunta de constituinte, iniciada pelo pronome relativo “quem”, e pode ter como resposta uma infinidade de alternativas, desde que apresente a estrutura: “x bebeu chimarrão”.

Hamblin (1973), um dos precursores do estudo semântico das sentenças interrogativas, afirma que o significado de uma sentença interrogativa é composto pelo conjunto de possíveis respostas diretas para ela. Essa interpretação diz respeito a um conhecimento estritamente linguístico. Do ponto de vista semântico, uma sentença interrogativa expressa um conjunto de proposições. Se considerarmos os exemplos dados

acima, (13), por ser uma pergunta sim/não, apresenta um conjunto de apenas duas proposições alternativas, enquanto (14), uma pergunta de constituinte, representa um conjunto aberto de proposições, a ser delimitado por um contexto específico. Se considerarmos que haja três indivíduos disponíveis no contexto: Luely, Maria e Ana, podemos representar o conjunto de alternativas desencadeado por (13) e (14), respectivamente, como segue:

(15)  $[[[(13)]]] = \{\text{Sim, a Luely bebeu chimarrão; Não, a Luely não bebeu chimarrão}\}$

(16)  $[[[(14)]]] = \{\text{A Luely bebeu chimarrão; A Maria bebeu chimarrão, A Ana bebeu chimarrão}\}$

Essa é a proposta semântica para as sentenças interrogativas. Entretanto, na dinâmica conversacional, nem sempre a resposta dada corresponde a uma ou a todas as proposições desencadeadas pelo conjunto de alternativas desencadeado pela pergunta. Em nosso experimento, apresentamos diálogos de pergunta sim/não, em que é perfeitamente possível haver uma resposta que não pertence ao conjunto de alternativas semântico. Voltando ao exemplo apresentado no início, repetido aqui por conveniência, a resposta dada não faz parte do conjunto de alternativas semântico:

(17) A: O Hugo entregou a meta de cartões de crédito dessa semana?

B: / A Luely entregou.

No exemplo acima, o conjunto de alternativas desencadeado pela pergunta em (17)A é:  $\{\text{Sim, o Hugo entregou a meta de cartões de crédito dessa semana; Não, o Hugo não entregou a meta de cartões de crédito dessa semana}\}$ . A resposta, entretanto, não corresponde a nenhuma dessas duas alternativas. Na dinâmica conversacional, então, é possível que haja respostas não correspondentes ao conjunto de proposições desencadeadas pela pergunta. Entretanto, há uma acomodação pragmática e essa gera inferências contextuais, como implicaturas. A pergunta que buscamos responder é se o participante interpreta essa resposta, em que há um contraste implícito e uma acomodação pragmática, como exaustiva. Ou seja, ele interpreta que a Luely e ninguém mais entregou a meta de cartões, ou ele interpreta como não-exaustiva, em que outras pessoas podem ter entregado a meta. Ainda, procura-se entender se o participante interpreta que o Hugo não entregou a meta ou ele não se compromete com essa informação. Nesse caso, o falante assume que necessariamente haverá contraste.

Nossa previsão, baseada no conceito de tópico contrastivo e na semântica e dinâmica de perguntas, é que o participante deve optar pela não-exaustividade, ainda que ele considere que Hugo não tenha batido a meta. Ou seja, espera-se que o participante não assuma a exaustividade como verdade, mas assuma a certeza do contraste em perguntas sim/não, uma vez que há uma alternativa dada pela pergunta que está sendo contrastada com a resposta.

Quanto aos diálogos com pergunta de constituinte, parece mais intuitivo que o falante avalie a resposta como não-exaustiva, uma vez que há mais possibilidades de respostas disponíveis no contexto:

(18) A: Quem foi ao happy hour?

B: /A Vanessa foi.

O conjunto de alternativas desencadeado por (18)A é aberto e inclui vários indivíduos além da Vanessa. Além disso, a marcação de tópico contrastivo indica que o falante deixa em aberto outras alternativas. A previsão é que o percentual de respostas não-exaustivas para esse tipo de pergunta seja maior do que a percentagem com pergunta sim-não. Ainda, a expectativa é que em perguntas de constituinte, os participantes tenham uma tendência a identificar menos o contraste, já que nenhuma alternativa foi apresentada pela pergunta.

A fim de verificar essas hipóteses e as questões levantadas a partir da explanação das teorias que embasam este estudo, nas seções a seguir, será apresentado o desenho experimental e todos os componentes que o envolvem.

### **Design Experimental**

O experimento foi elaborado com o objetivo de analisar a interpretação de respostas que apresentam contraste implícito em perguntas do tipo sim/não e perguntas do tipo constituinte no PB. O foco foi avaliar se os participantes da pesquisa interpretam essas respostas como exaustivas ou não, buscando identificar diferenças entre os dois tipos de perguntas. É importante destacar que as respostas para os diálogos apresentavam uma marcação de tópico contrastivo no constituinte responsável pela relação de contraste estabelecida.

A técnica experimental adotada no estudo foi a aplicação de um questionário de julgamento de verdade desenvolvido e distribuído por meio da plataforma *Google Forms*. O mecanismo consistia em os participantes ouvirem um diálogo com uma pergunta e uma resposta. A resposta era marcada com tópico contrastivo. Ao final, eram apresentadas três afirmações relacionadas ao diálogo e o participante deveria responder se cada uma dessas

afirmações era verdadeira ou falsa, de acordo com sua interpretação no diálogo: sim, para verdadeira, não para falsa.

Essa abordagem permitiu investigar a interpretação de respostas com contraste implícito em perguntas do tipo sim/não e de constituinte no português brasileiro, com ênfase na avaliação da exaustividade das respostas. O conceito de exaustividade, conforme definido por Menuzzi (2012), refere-se à tendência de os participantes julgarem as respostas como afirmativas e exclusivas em relação a outras alternativas possíveis. Para garantir a fidelidade das condições experimentais, os diálogos usados no questionário foram previamente gravados no programa *Audacity* e disponibilizados na plataforma *YouTube*.<sup>4</sup> Essa metodologia possibilitou a preservação das nuances prosódicas associadas à marcação de tópico contrastivo, fator crucial para a análise. Os participantes tiveram acesso aos áudios diretamente no formulário.

### Hipóteses e previsões

As hipóteses deste trabalho propõem que, em situações de interpretação pragmática, os participantes identificam o contraste nos diálogos apresentados, mas tendem a não interpretar as respostas como exaustivas. Ainda, os participantes, mesmo com a interpretação de não-exaustividade, tendem a não se comprometer com essa inferência, nem mesmo com o contraste. Ademais, espera-se que existam diferenças sistemáticas na forma como contraste e exaustividade são interpretados dependendo do tipo de pergunta apresentada nas condições experimentais. A previsão é que enquanto nas perguntas sim-não, o contraste fica mais evidente, mesmo que não haja exaustividade, nas perguntas de constituinte, por haver mais possibilidades de alternativas, o contraste não é tão evidente assim.

Desta maneira, nossa hipótese alternativa é que haja diferença estatisticamente significativa de interpretação entre os dois tipos de pergunta e a hipótese nula é que essa diferença não seja significativa.

### Variáveis e Condições

No experimento em questão, a investigação se concentrou no julgamento de asserções referentes a respostas com contraste implícito em perguntas do tipo sim/não e de constituinte no PB, com ênfase na interpretação da exaustividade das respostas. Para isso, duas variáveis principais foram manipuladas: o tipo de pergunta é a variável independente, enquanto o julgamento de exaustividade representa a variável dependente. O *design* experimental adotado foi 1X2, ou seja, duas condições distintas foram comparadas. A

---

4 Foi necessário transformar o áudio em vídeo no Youtube, uma vez que o Google Forms não aceita incluir o arquivo de áudio diretamente.

primeira condição envolveu perguntas do tipo sim/não, e a segunda, perguntas de constituinte.

A apresentação das perguntas e das possíveis respostas foi estruturada conforme exemplificado a seguir. Primeiramente, em (19), há um exemplo de pergunta sim-não (condição experimental 1).

- (19) A: O Hugo entregou a meta de cartões de crédito dessa semana?  
B: / A *Luely* entregou.

- (20) I. É possível que o Hugo tenha entregado a meta de cartões de crédito dessa semana.  
II. Ninguém além da *Luely* entregou a meta de cartões de crédito dessa semana.  
III. É certo que o Hugo não tenha entregado a meta de cartões de crédito dessa semana.

Em (19), apresentamos o diálogo da condição 1 e, em (20), descrevemos as afirmações que o participante tinha para atribuir valor de verdade. A asserção (I) corresponde a uma interpretação não-exaustiva, em que o participante deixa em aberto a possibilidade de Hugo também ter entregado a meta, além da *Luely*. A afirmação (II) é exhaustiva, em que a interpretação é que alcançar a meta aplica-se apenas à *Luely*. Por fim, a afirmação (III) também é não-exaustiva. No entanto, nesse caso, o participante interpreta como certo que Hugo não entregou a meta de cartões de crédito. O participante, ao aceitar essa alternativa, está considerando a existência de contraste entre a informação sobre *Luely* e a informação sobre Hugo.

Daqui em diante, consideramos que a afirmação (I), se tomada como verdadeira, corresponde a uma interpretação de não-exaustividade, sem comprometimento do participante em relação ao contraste. A afirmação (II), se tomada como verdadeira, diz respeito à exhaustividade. Por fim, (III) apresenta um comprometimento do participante no que diz respeito à interpretação de contraste.

A seguir, apresentamos um exemplo da condição 2, com pergunta de constituinte e suas alternativas correspondentes:

- (21) A: Quem despachou as remessas?  
B: /O *Diego* despachou.

- (22) I. É possível que alguém além do Diego tenha despachado as remessas.  
II. Ninguém além do Diego despachou as remessas.  
III. É certo que alguém além do Diego despachou as remessas.

As asserções seguiram a mesma ordem da condição 1, com pergunta sim-não ou de constituinte: afirmação (I): não-exaustividade, sem comprometimento do participante; (II): exhaustividade; e (III): não-exaustividade, com comprometimento do participante em relação ao contraste.

Os participantes foram distribuídos em dois grupos independentes (*design between-subjects*), com cada grupo exposto a uma única condição experimental. Essa estratégia foi adotada para evitar o cansaço dos participantes e para garantir que os resultados não fossem comprometidos por efeitos de ordem, o que poderia ocorrer caso todas as condições fossem aplicadas ao mesmo grupo. A aplicação de uma única condição por participante também visou manter o tempo do experimento dentro de um intervalo adequado, evitando que a duração, estimada inicialmente entre 10 a 15 minutos, interferisse na qualidade das respostas.

### **Participantes**

O experimento contou com a participação de 44 indivíduos, distribuídos em dois grupos: 20 participantes na Condição 1 e 24 na Condição 2. A definição desse número de participantes não foi arbitrária, mas sim o resultado do total de respostas válidas obtidas por meio dos formulários aplicados. Inicialmente, o estudo contou com 45 participantes. No entanto, após a adoção de critérios de engajamento, um deles foi excluído por demonstrar baixo comprometimento com a tarefa proposta. A exclusão foi baseada na análise das respostas a diálogos controle, os quais foram inseridos no experimento para verificar a atenção e a coerência das respostas. Esses diálogos apresentavam duas respostas inadequadas e uma adequada, permitindo identificar participantes que não demonstravam engajamento ao objetivo da pesquisa.

### **Materiais**

O experimento foi estruturado com base em cinco diálogos para cada uma das condições testadas (condição 1 e condição 2), totalizando dez diálogos experimentais. O objetivo central era obter cinco julgamentos de cada participante para cada diálogo experimental apresentado. Cada diálogo foi elaborado a partir de uma interação composta por uma pergunta e uma resposta. Para garantir a uniformidade na apresentação do material, tanto a pergunta quanto a resposta, foram disponibilizadas em formato de áudio,

na ordem como está ilustrado o exemplo a seguir, primeiramente a pergunta, depois a resposta:

- (23) A: O Hugo entregou a meta de cartões de crédito dessa semana?  
B: / A Luely entregou.

Além dos diálogos experimentais, foram incorporados ao experimento 10 diálogos distratores e 10 diálogos de controle. Desta maneira, cada participante tinha 25 diálogos para analisar: 5 experimentais (correspondentes a condição experimental de seu grupo), 10 distratores e 10 diálogos controle. Nos diálogos distratores, não se esperava que houvesse uma resposta considerada apropriada para todas as três afirmações apresentadas. Tinham como função apenas o objetivo de desviar a atenção dos participantes e evitar a previsibilidade das respostas. Por outro lado, os diálogos de controle foram elaborados de forma que, para cada uma das três asserções, houvesse uma resposta claramente apropriada, permitindo avaliar a consistência e a confiabilidade das respostas dos participantes. Os diálogos foram apresentados de maneira aleatória, para que o participante não identificasse quais seriam os diálogos experimentais. Em todos, o contexto explorado girava em torno do ambiente bancário de trabalho, assegurando a uniformidade temática ao longo do experimento. A seguir, apresentamos exemplos ilustrativos dos diálogos distratores e de controle, respectivamente:

- (24) A. Quem liberou a porta giratória para o último cliente?  
B. Foi a Vanessa.

- I. Alguém, além da Vanessa, liberou a porta giratória para o cliente.  
II. Ninguém, além da Vanessa, liberou a porta giratória para o cliente  
III. É certo que a Vanessa liberou a porta giratória para o último cliente.

- (25) A. Quem recebeu os vouchers de compra de livros?  
B. O Fernando recebeu, a Mariana não.

- I. É possível que a Mariana recebeu os vouchers de compra de livros.  
II. Ninguém além do Fernando recebeu os vouchers de compra de livros.  
III. É certo que alguém além do Fernando recebeu os vouchers de compra de livros

No exemplo em (24), de diálogo distrator, não há elementos da condição experimental, como a marcação de tópico contrastivo na resposta, porém, as asserções a



serem julgadas são claramente possíveis de serem respondidas como verdadeiras. Já em (25), temos um exemplo de diálogo controle, em que a asserção (I) possui uma resposta trivial. Ela é notadamente falsa, uma vez que é afirmado que a Mariana não recebeu os vouchers.

## Procedimentos

Os participantes foram selecionados por meio de convites endereçados a eles. O convite incluía uma descrição detalhada do experimento, seus objetivos, orientações e um *link* de acesso ao formulário, elaborado na plataforma *Google Forms*. No formulário, além de informações pessoais, foram solicitados dados sobre a formação acadêmica e a região onde viveram a maior parte de suas vidas, com o objetivo de obter um perfil mais detalhado dos participantes. Também foram incluídas as questões relacionadas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que o participante declara conhecer os objetivos do experimento e estar de acordo com os procedimentos a serem realizados.<sup>5</sup>

Com o objetivo de obter uma visão geral de como os participantes responderiam às questões experimentais, inicialmente foram apresentadas apenas questões de treinamento e de controle nos quatro primeiros diálogos, de forma intercalada. O formato de apresentação desses diálogos seguiu o mesmo padrão dos diálogos experimentais, garantindo familiaridade com a estrutura do teste. A introdução das questões experimentais ocorreu a partir do quinto diálogo, momento em que os participantes já estavam ambientados ao formato e à dinâmica do experimento. Essa estratégia teve como finalidade proporcionar uma adaptação gradual ao ambiente do formulário e à tarefa proposta.

A estrutura da tarefa foi mantida de forma consistente ao longo de todos os diálogos. Inicialmente, os participantes ouviam a pergunta, seguiam para a escuta da resposta e, por fim, atribuíam um valor de verdade (sim ou não) a cada uma das três alternativas apresentadas nos diálogos. O formato de apresentação também seguiu um padrão uniforme, exibindo os áudios da pergunta e da resposta, acompanhados do texto de cada questão e das opções de resposta. A seguir, são apresentadas algumas imagens do formulário, ilustrando a sequência de telas acessadas pelos participantes durante a realização do experimento:

---

<sup>5</sup> O TCLE foi aprovado no parecer consubstanciado n°: 5.240.862 e o CAAE: 54159821.7.0000.5149, aprovado por essa universidade em 13/02/2022

Figura 1 – Tela de orientação do experimento

Diagrama hierárquico:

- Semântica
  - Descrição
  - Sintaxe
- Pragmática
  - linguas
  - naturais

**QUESTIONÁRIO SOBRE DIÁLOGOS**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **ESTRUTURA DO DIÁLOGO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE EXPERIMENTAL DE RESPOSTAS NÃO ESPERADAS**, cujo objetivo é investigar características semânticas e pragmáticas presentes em diálogos do Português Brasileiro que apresentem respostas não esperadas. A razão pela qual nos dedicamos ao estudo reside na necessidade de compreender os aspectos da linguagem que se manifestam na interseção entre os domínios do significado: tanto na semântica quanto na pragmática.

fernandarosa2006@gmail.com [Mudar de conta](#)

\* Indica uma pergunta obrigatória

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

A imagem acima mostra a tela inicial do formulário, que apresenta informações gerais sobre o experimento, seus objetivos e instruções básicas. Após preencher o questionário socioeconômico, com dados como idade, sexo, local de residência e escolaridade, os participantes seguiam para o treinamento, composto por quatro diálogos-teste no mesmo formato dos diálogos experimentais. Concluído o treinamento, o experimento era iniciado, com a devida orientação na tela seguinte.

Figura 2 – Tela com áudios de pergunta e resposta do diálogo.

Dialogo

(1) Com base na conversa, marque SIM se concorda com as afirmações abaixo e NÃO se não concorda.

PERGUNTA

F Pergunta

RESPOSTA

F resposta

Voltar Próxima Limpar formulário

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Na Figura 2, apresentamos a tela com a dinâmica do experimento, que se repetiu para todos os diálogos, tanto experimentais, quanto distratores e de controle. Primeiramente, o participante lia uma instrução: “Com base na conversa, marque SIM se concorda com as afirmações abaixo e NÃO se não concorda.” Logo abaixo, estavam os áudios. O primeiro áudio continha a pergunta e o segundo áudio continha a resposta, com a marcação prosódica de tópico contrastivo. Após os participantes clicarem no botão para ouvir primeiramente a pergunta, e em seguida, a resposta, eles eram direcionados para a tela a seguir, em que deveriam escolher uma das respostas: “sim” ou “não” para cada uma das três alternativas.

Figura 3 – Tela com as três afirmações a serem avaliadas pelos participantes

The image shows a screenshot of a survey application. At the top, there is a dark grey header with the word "Questões" in white. Below the header, the first question is displayed: "(1) Com base na conversa, marque SIM se concorda com as afirmações concordam." Below this question, there are two radio button options: "Sim" and "Não". The second question is partially visible: "II. Ninguém além do Fernando recebeu os vouchers de compra...". Below this question, there is one radio button option: "Sim".

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

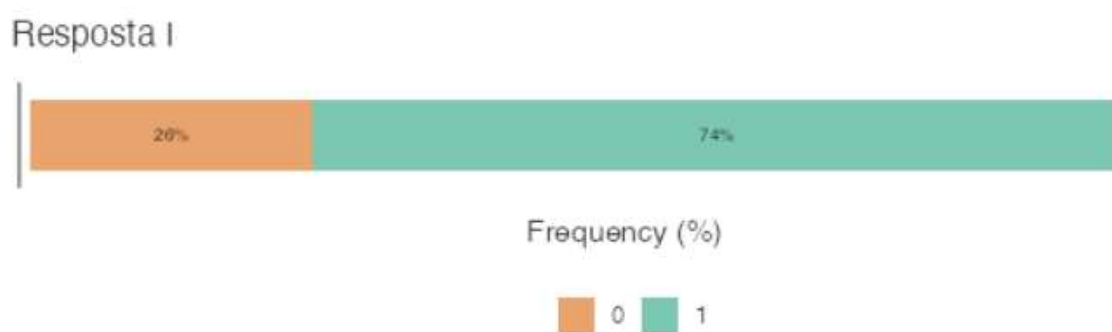
Depois que os participantes respondessem aos 25 diálogos, eles eram direcionados a uma tela de agradecimento e eram informados de que o experimento tinha sido finalizado.

## Discussão dos resultados

Após a conclusão do experimento com todos os envolvidos, os dados foram extraídos das planilhas geradas pelo *Google Forms*. Em seguida, procedeu-se a verificação das respostas fornecidas nos diálogos distratores e de controle, com o objetivo de avaliar se estavam de acordo com as expectativas predefinidas para esses tipos de diálogos. Uma vez concluída essa etapa de validação, os dados foram reorganizados em duas novas planilhas, separando-se as respostas conforme o tipo de diálogo experimental. Posteriormente, todos os dados foram tabulados e preparados para serem processados no *software* estatístico *Jamovi*. Buscou-se realizar uma análise estatística descritiva e uma análise estatística inferencial dos dados, a fim de oferecer uma visão geral e detalhada dos padrões observados nos dados coletados, por meio de suas frequências absolutas e percentuais. Para a análise descritiva, foram observadas as porcentagens de respostas positivas (sim), para cada um dos tipos de alternativa: não-exaustiva, exaustiva e contrastiva. Em relação à análise inferencial, foi realizado o cálculo do teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ), a fim de verificar se os dados obtidos representam resultados estatisticamente relevantes.

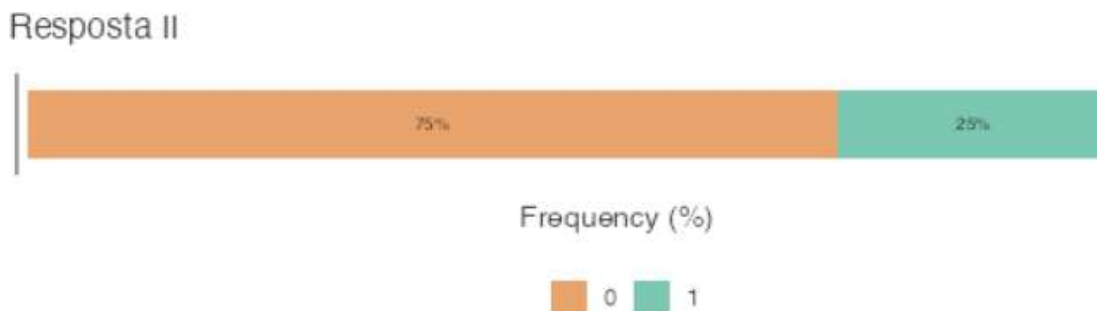
Primeiramente, detalharemos a análise descritiva dos dados, a partir da análise de gráficos e tabelas. A seguir, apresentamos alguns gráficos de levantamento, também conhecidos como gráficos de pesquisa ou *survey plots*, em que são descritas as porcentagens de respostas positivas (sim) para cada uma das alternativas.

Figura 4 – Gráfico com porcentagem de respostas relacionadas à afirmação I (não-exaustiva) – Pergunta sim/não



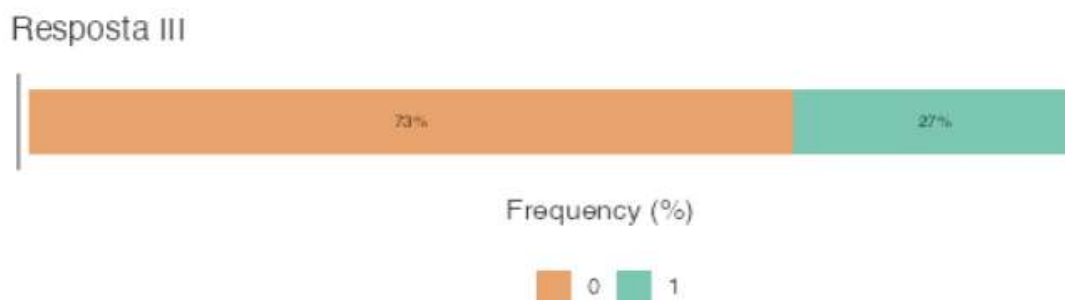
Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Figura 5 – Gráfico com porcentagem de respostas relacionadas à afirmação II (exaustiva) – Pergunta sim/não



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Figura 6 – Gráfico com porcentagem de respostas relacionadas à afirmação III (contraste) – Pergunta sim/não



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Nos gráficos acima, que apresentam uma comparação de respostas relacionadas à condição 1, de perguntas do tipo sim/não (polar), verificou-se uma maior aceitação da Resposta I (não-exaustiva), atingindo uma frequência média de 74%. Essa escolha indica que o participante interpretou a resposta com contraste implícito de forma não-exaustiva. Ou seja, o participante entende que pode haver um contraste entre a alternativa afirmada na resposta e a dada pela pergunta, porém não se compromete com o contraste nem com a exaustividade. Por outro lado, a resposta II, que implica a interpretação de exaustividade, apresenta frequência média menor, de 25%. Esse índice demonstra que o participante, em geral, não interpreta uma resposta de contraste implícito com marcação de tópico contrastivo como exaustiva. Essa previsão já tinha sido apontada pela literatura, sobretudo por Büring (2003; 2014). Também é importante destacar que esses resultados são inversamente proporcionais. Por fim, os resultados para a resposta III (contrastiva), que implica na negação da exaustividade e na afirmação do contraste, são próximos da resposta

que nega a interpretação de exaustividade: 27%. Podemos, então, considerar que, mesmo que os participantes, em sua maioria, não interpretem exaustividade em respostas com contraste implícito marcadas por tópico contrastivo, a maioria também não assume a certeza do contraste. Eles tendem a considerar que pode haver exaustividade ou contraste, mas não se comprometem com isso. Esses dados sugerem que, diante de perguntas sim/não, os participantes preferem respostas que preservam a possibilidade de outras alternativas, evitando a exclusão categórica de opções. A fim de ilustrar os dados comparativos, apresentamos um gráfico com todas as alternativas:

Figura 7 – Gráfico de comparação entre os três tipos de alternativas

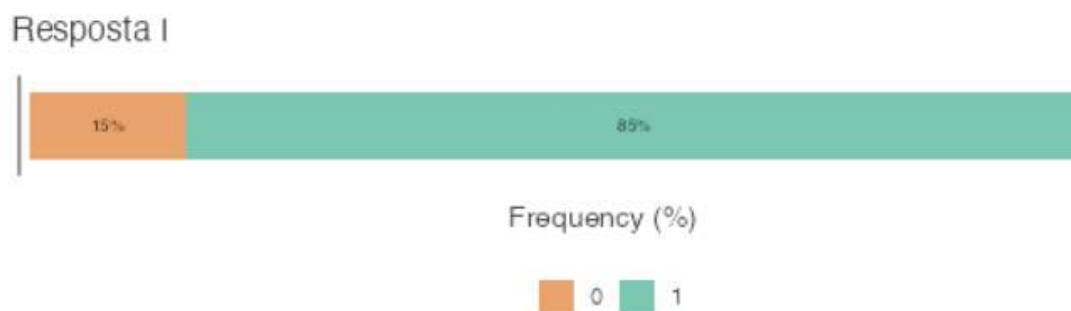


Fonte: Elaboração dos autores (2025)

A partir do gráfico comparativo, podemos perceber que há uma tendência muito significativa da opção (sim), quando o participante precisou julgar a alternativa I como verdadeira ou falsa, se comparada às demais alternativas (II e III).

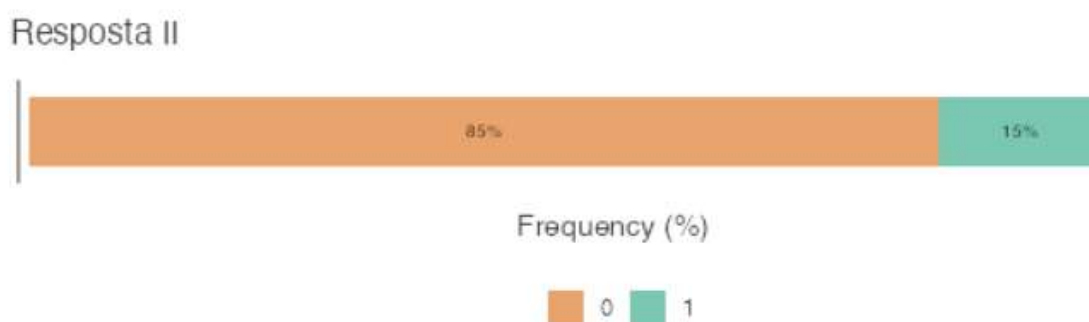
Ao analisar a condição 2, que envolveu perguntas de constituinte, percebemos que há uma tendência semelhante, como podemos observar nos gráficos a seguir, que apresentam os resultados percentuais de respostas das três alternativas.

Figura 8 – Gráfico de percentagem de respostas relacionadas à afirmação I (não-exaustiva) –  
Pergunta de constituinte



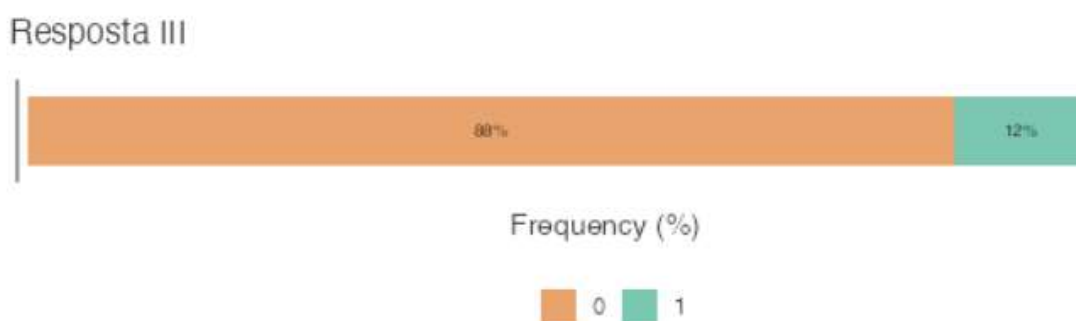
Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Figura 9 – Gráfico de percentagem de respostas relacionadas à afirmação II (exaustiva) –  
Pergunta de constituinte



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Figura 10 – Gráfico de percentagem de respostas relacionadas à afirmação III (contrastiva) –  
Pergunta de constituinte



Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Os resultados obtidos para as perguntas de constituinte, assim como para as perguntas sim/não, apontam para uma tendência de os participantes evitarem se comprometer com a exaustividade e com o contraste. Ao observarmos a Resposta I desta condição, novamente percebemos um alcance maior da taxa de aceitação, atingindo 85%, enquanto as Respostas II e III apresentaram frequências percentuais inferiores, de 15% e 12,5%, respectivamente. Podemos destacar que a resposta II, em que há uma interpretação de exaustividade e a III, em perguntas de constituinte, apresentam menos avaliações positivas ainda, o que indica que os participantes interpretam com menos frequência uma resposta com contraste implícito marcada por tópico contrastivo como exaustiva. Isso demonstra que a marcação de tópico contrastivo em respostas para sentenças de constituinte anula a interpretação de respostas marcadas por foco, como apontam Menuzzi (2018) e Rosa-Silva (2024), em que há implicatura conversacional generalizada de exaustividade. Ainda, as respostas para a alternativa III, em que há uma interpretação de certeza de contraste, também apresentam uma porcentagem levemente menor, se comparada à pergunta sim-não. Essas comparações são sistematizadas na tabela a seguir e melhor ilustradas no gráfico comparativo:

Tabela 1 – Tabela comparativa de percentual de respostas entre pergunta sim/não e de constituinte

ALTERNATIVA	PERGUNTA SIM / NÃO	PERGUNTA CONSTITUINTE
<b>Não exaustiva</b>	74	85
<b>Exaustiva</b>	25	15
<b>Contrastiva</b>	27	12,5

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Esses resultados demonstram que, mesmo em perguntas de constituinte, os participantes apresentam uma preferência por respostas que não impliquem uma interpretação estritamente exaustiva, indicando uma tendência a manter a abertura para outras possibilidades interpretativas. Os dados demonstram que o participante assume a implicatura de: “não sei se há exaustividade ou contraste”, em detrimento de: “sei que não há contraste” (Sauerland, 2004).

Com esses dados, poderíamos apressadamente concluir que a variável pergunta não influencia na interpretação do participante, uma vez que a opção não-exaustiva é avaliada como verdadeira pela maioria dos indivíduos, independentemente do tipo de pergunta. As opções exaustivas e contrastivas, por outro lado, obtiveram um número bem menor de respostas afirmativas (sim). Os dados são próximos para essas duas alternativas.



Resta-nos fazer uma análise inferencial para identificar se, no que diz respeito à amostragem de sujeitos, os resultados são estatisticamente relevantes.

Para realizar a análise de hipóteses, a fim de verificar se a variável pergunta influencia na interpretação do participante em relação à exaustividade, ou não, em respostas com marcação de tópico contrastivo, fizemos o cálculo do teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ) para cada uma das alternativas, comparando as respostas afirmativas para as duas condições experimentais: pergunta sim/não e de constituinte. Para isso, realizamos o cálculo no *software Excel*, utilizando-se da função *CHISQ.TEST*, que é empregada para avaliar se há associação significativa entre duas variáveis.

Após criar uma tabela com os dados de frequência observada e frequência esperada para cada uma das alternativas, pudemos identificar que, em relação à afirmação II, em que a interpretação é de exaustividade, o teste qui-quadrado apontou que não há diferença estatisticamente relevante. Se considerarmos a variável pergunta, o *p-valor* é 0,09. Esse valor indica que a probabilidade de erro é maior do que 9 %. Em estatística, o resultado só é estatisticamente relevante quando a porcentagem de erro é menor do que 5%, ou seja, *p-valor* < 0,05. Neste caso, a exaustividade foi rejeitada pela maioria dos participantes, independentemente do tipo de pergunta.

Entretanto, se considerarmos as outras afirmações, de não-exaustividade (alternativa I) e contraste (alternativa III), os resultados demonstraram que a variável 'pergunta' é estatisticamente relevante, ainda que os dados da análise descritiva demonstrem um comportamento aparentemente homogêneo entre eles. Sobre a alternativa em que o participante não se compromete com a exaustividade nem com o contraste (I), o *p-valor* foi 0,009, bem abaixo de 0,05, limite estabelecido para ser considerado estatisticamente relevante. Para a alternativa em que o falante se compromete com o contraste entre os indivíduos (III), o *p-valor* foi 0,01, também abaixo. As informações são sistematizadas a seguir:

Tabela 2 – Tabela com p-valor de cada alternativa

AFIRMAÇÃO	SIM/NÃO	CONST	P-VALOR
NÃO EXAUSTIVA	74	102	0,009
EXAUSTIVA	25	18	0,09
CONTRASTIVA	27	15	0,01

Fonte: Elaboração dos autores (2025)

Diante desses dados, podemos afirmar que a variável 'pergunta' influencia na interpretação do participante, se considerarmos que esse interpreta uma resposta marcada com tópico contrastivo como não-exaustiva. Além disso, mesmo que a opção com maior número de respostas seja a alternativa I, em que não há um comprometimento com a exaustividade e nem com o contraste, tanto com pergunta sim/não, quanto com pergunta de constituinte, ainda assim os resultados demonstram que há uma maior propensão para o participante interpretar a não-exaustividade em perguntas de constituinte do que em perguntas sim/não. Ainda, há uma maior propensão a assumir o contraste quando a pergunta é de constituinte, diferentemente da pergunta sim/não.

### **Considerações finais**

Após a aplicação do experimento psicolinguístico e a análise estatística dos dados obtidos, de maneira geral, pode-se inferir que os falantes do PB tendem a interpretar respostas com marcação de tópico contrastivo de forma não-exaustiva. Se a análise estatística se concentrar na descrição dos dados, pode-se concluir, erroneamente, que a variável pergunta não influencia na interpretação do participante em relação à exaustividade de respostas com tópico contrastivo, uma vez que os números mostraram massivamente a preferência pela interpretação não-exaustividade, sem um comprometimento do participante com o contraste. Entretanto, a análise estatística inferencial demonstrou que o falante do PB, considerando a amostra utilizada, tende a optar mais para o não comprometimento com a exaustividade e com contraste em perguntas de constituinte do que em perguntas sim/não e essa diferença é estatisticamente relevante.

Os dados sugerem que os participantes interpretam a exaustividade de acordo com a proposta de Sauerland (2004), ou seja, a partir de uma leitura em que "o falante não tem certeza de que a resposta é exaustiva", ao contrário da interpretação de que "o falante tem certeza de que a resposta não é exaustiva", embora as perguntas de constituinte apontem para uma maior tendência com a certeza do contraste do que as sim-não, o que sugere uma diferença sutil na forma como diferentes estruturas interrogativas influenciam a interpretação pragmática.

Diante desses resultados, podemos rejeitar a hipótese nula, de que a variável tipo de pergunta (sim/não ou de constituinte) não influencia na interpretação de exaustividade e contraste em respostas com marcação de tópico contrastivo. Entretanto, os dados contrariam a previsão inicial de que o contraste ficaria mais evidente em perguntas sim/não, em que uma alternativa é inserida na pergunta. A análise inferencial revelou o contrário. Em respostas a perguntas de constituinte, os participantes apresentaram uma tendência estatisticamente maior em atribuir certeza do contraste em comparação com as respostas a perguntas do tipo sim/não.

## Referências

- ARUNACHALAM, S. Experimental Methods for Linguists. **Language and Linguistics Compass** 7/4. v. 7, n. 4 p. 221–232. 2013.
- BORGES NETO, J. 2007. **A semântica das perguntas**. LV Seminário do GEL, Franca/SP, jul. 2007.
- BÜRING, D. Contrastive Topic. In: FERY, C. & SHIN I. (eds) **Handbook of Information Structure**. Oxford University Press, 2014. p. 64-85.
- BÜRING, D. On D-trees, beans, and B-accent. **Linguistics & Philosophy**, v. 26, n. 5, p. 511-545, 2003.
- CAGLIARI, L. C. Entoação do Português Brasileiro. In: CAGLIARI, Luiz Carlos. **Estudos Linguísticos** 3. Araraquara: Unesp, 1980. p. 308-329.
- FERREIRA, M. **Pragmática: significado, comunicação e dinâmica contextual**. São Paulo: Contexto, 2023.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: Cole, P.; Morgan, J. (eds.). **Syntax and Semantics**, vol. 3. New York: Academic Press, p. 41-58, 1975.
- HAMBLIN, C. L. Questions in Montague English. **Foundations of Language**, v. 10, n. 1, p. 41-53, 1973.
- HORN, L. Implicature. In: HORN, Laurence; WARD, Gavin (eds.). **The Handbook of Pragmatics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 03-28.
- KENEDY, E. O status tipológico das construções de tópico no português brasileiro: uma abordagem experimental. In: **Revista da ABRALIN**, v.13, n.2, p. 151-183, jun./dez. 2014.
- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. SP: Contexto, p. 143-156, 2015.
- MENUZZI, S. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. **Revista Letras**, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.
- MENUZZI, S. Sobre a pressuposição das clivadas. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 46, p. 200-221, 2018.
- PIERREHUMBERT, J.; HIRSCHBERG, J. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: COHEN, P.; MORGAN, J. Watchorn; POLLACK M. (ed.). **Intentions in Communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 271-311.
- THE JAMOVI PROJECT. **Jamovi (versão 2.4)**. [S.l.]: The jamovi project, 2023. Software para análise estatística. Disponível em: <https://www.jamovi.org>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- REPP, S. Contrast: Dissecting an elusive information-structural notion and its role in grammar. IN: Caroline F.; Shinichiro I. (eds.), OUP **Handbook of Information Structure**. 2014.
- ROBERTS, C. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, Jae-Hak. H.; KATHOL, A. (eds.) **OSU Working Papers in Linguistics** 49: Papers in Semantics, 91–136, 1996.

ROOTH, M. **Association with focus**. 1985. Dissertation (tese) – University of Massachusetts, Amherst, 1985.

ROOTH, M. Focus. In: LAPPIN, S.(ed.). **Handbook of Contemporary Semantic Theory** London: Blackwell, 1995. p. 271-298

ROSA-SILVA, F. A dinâmica de perguntas de constituinte em português brasileiro: uma proposta escalar. **Gragoatá**, Niterói, v. 29, n. 64, e60458, maio-ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i64.60458.pt>

SAUERLAND, U. Scalar implicatures in complex sentences. **Linguistics and Philosophy**, v.27, p. 367-39, 2004.

### Sobre os autores

*Fernanda Rosa da Silva*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0599-8805>

Formada em Licenciatura e Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Possui mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo. É professora de graduação e pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Semântica e Pragmática Formais, atuando principalmente nos seguintes temas: estrutura informacional, foco / tópico, exaustividade, contraste e implicaturas conversacionais.

*Fernando Teixeira de Moura*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5011-6306>

Graduando em Letras - Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou Iniciação Científica nas áreas de Semântica e Pragmática, em interface com a Psicolinguística. É membro dos grupos de pesquisa em Semântica Formal (GESF/UFMG) e Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG). Áreas de interesse: Literatura Afro-brasileira, Gramática Tradicional e Linguística Formal: Semântica, Pragmática e Sintaxe.

Recebido em abr. 2025

Aprovado em jul. 2025